

## **Relato de Experiência**

### **Encontros - a fala, a escuta e o fazer – alterando o cotidiano de idosos institucionalizados**



*Ana Maria Silva Ferreira  
Eloisa Borges*

**Resumo:** O presente trabalho resulta de considerações oriundas do estágio curricular realizado na instituição asilar, conhecida como Vila Vicentina, situada no interior de Minas Gerais. A velhice e a doença, por produzirem incapacidade e perda de autonomia, muitas vezes leva o sujeito para a instituição. Por ser opção de proteção e cuidado, e dentro da realidade social dos moradores, a Vila Vicentina, muitas vezes, é a melhor alternativa. Essa modalidade de instituição desempenha um papel duplo na vida dos abrigados: ao mesmo tempo em que acolhe e protege, impõe o isolamento social afastando seus internos da sociedade rompendo, assim, vínculos interpessoais importantes. Para alguns moradores a instituição é o lugar da espera pelo fim. A fim de contribuir para a qualidade de vida dos moradores da Vila Vicentina um projeto de estágio foi apresentado à equipe que atua na instituição: assistente social, enfermeira e coordenadora. A proposta teve como objetivo ouvir os moradores e a partir dessa escuta desenvolver atendimentos que possibilitassem momentos terapêuticos que minimizassem o tédio, a solidão e o abandono. Diferentes propostas de trabalho foram apresentadas e aprovadas pela equipe da instituição e, posteriormente, desenvolvidas: atendimento em grupo, plantão psicológico e acompanhamento terapêutico.

**Palavras-chave:** Instituição; Institucionalizado; Atendimento psicológico; Acompanhamento terapêutico.

## **Introdução**

**E**ste trabalho é resultado das considerações resultantes do estágio curricular do curso de Psicologia, realizado no decorrer do segundo semestre de 2018, em instituição asilar de uma cidade do centro oeste mineiro. A Vila Vicentina é uma instituição católica, mantida pelos Vicentinos e com doações da comunidade. Segundo seu estatuto, a instituição tem como finalidade a prestação de serviços de acolhimento institucional para idosos na área de Assistência Social, proporcionando-lhes proteção social especial de alta complexidade nos termos da Resolução/CNAS nº 109 de 11 de novembro de 2009. Sua capacidade de atendimento é de 25 pessoas e atualmente possui 23 internos.

O público alvo é o idoso com 60 anos ou mais, entretanto sete (30,43%) dos internos têm idade inferior a essa, confirmando estudos que indicam que o abrigamento de pessoas com idade inferior a 60 anos em instituições de longa permanência para idosos tem sido recorrente, e conforme afirma Beré (2018, p. 26) “essas pessoas têm idades próximas aos 60 anos, e foram acometidas, precocemente, de males que costumam atingir as pessoas idosas, como as demências ou sequelas de acidente vascular cerebral”.

Na concepção da sociedade contemporânea a velhice e a doença estão associadas a representações que a qualificam como fase negativa do curso da vida. A perda de autonomia e a incapacidade de produzir colocam o sujeito na posição de ‘peso’ para a família e, nesse sentido, a instituição asilar aparece como opção de cuidado para aqueles que não conseguem exercer seu autocuidado, por falta de condições de saúde e/ou financeiras. A institucionalização, embora muitas vezes seja a melhor opção diante da realidade da pessoa idosa, assume uma forma de ‘mortificação’ do sujeito, pois, muitas vezes o processo já tinha se iniciado fora dos muros da instituição, mas é ali agravado. Nos relatos de alguns moradores a instituição é o lugar da espera o fim - “Agora só resta esperar, não há mais nada o que fazer” (Sr.V. 80 anos).

Diante desse cenário foi elaborado um projeto de estágio com o objetivo de contribuir na melhora da qualidade de vida dos moradores da Vila Vicentina, com atendimentos que dessem oportunidades de fala e de escuta a esses idosos.

### **A instituição e o institucionalizado: o que a psicologia tem a ver com isso?**

A instituição asilar, também conhecida como Vila Vicentina, atende atualmente 23 pessoas, que são, em sua maioria, indivíduos que não dispõem de condições para permanecer com a família por diversas razões: vínculos familiares fragilizados ou rompidos, situações de violência, abandono, negligência, entre outras. A instituição é a opção de proteção e cuidado dentro da realidade social dos moradores e, neste contexto, a Vila Vicentina torna-se a melhor alternativa.

Os asilos, hoje denominados instituições de longa permanência (ILPI), são espaços que acolhem pessoas que não possuem apoio da família ou não têm condições financeiras ou de saúde para viverem sós. Esses espaços foram criados há séculos, e inicialmente atendiam os abandonados, doentes e mendigos, e sempre tiveram um

papel duplo na vida dos abrigados – acolhida e exclusão social – e se enquadram na categoria de instituição total - que objetivam cuidar de pessoas consideradas incapazes e inofensivas (GOFFMAN, 2007).

São muitos os rituais que marcam a entrada do interno na instituição: a apresentação do novato aos veteranos, os exames médicos admissionais e o arquivamento de documentos que, segundo Vieira (2007), é o que mais incomoda. A instituição retira do sujeito e mantém sob sua guarda objetos de valor, documentos, cartões de banco, subtraindo dos internos o exercício de sua subjetividade. Dimensões de sua identidade como continuidade, autonomia e reconhecimento sofrem modificações, prejudicando os vínculos do sujeito com os processos sociais nos quais está inserido.

De modo geral, os residentes das ILPIs têm contato restrito com o mundo, além dos muros, não importando o tamanho do local, grande ou pequeno, pois ao transpor os portões as identidades de trabalhador, de amigo, de parente, de vizinho que o indivíduo tinha antes da institucionalização, ficam arquivadas, impactando a temporalidade e subjetividade (VIEIRA, 2007).

As referências temporais se desvinculam do relógio e do calendário. Era comum que ao chegar para o estágio, algum morador da vila perguntasse “Que dia é hoje?” Por essa razão durante o estágio, no início de cada mês, juntos confeccionávamos o calendário, e nele íamos anotando as datas que eram importantes para os internos – aniversários; dias de estágio da psicologia; dia de missa; dia de Santos; festas na Vila - pois se queixavam do afastamento da comunidade. Os que sabiam ler acompanhavam atentamente as informações, e iam atualizando os outros que não eram alfabetizados.

Durante esse período de atendimento, nossa proposta foi ouvir os moradores e a partir dessa escuta desenvolver atividades que possibilitassem momentos terapêuticos de alívio para o tédio, solidão e abandono. Diante de inúmeras demandas e recursos escassos, estabelecemos diferentes frentes de trabalho, sendo elas: atendimento em grupo, plantão psicológico e acompanhamento terapêutico. Essas modalidades de atendimento eram oportunidades para que o institucionalizado pudesse se colocar na posição de sujeito, desarquivando memórias, esboçando desejos e fazendo planos.

Os atendimentos em grupo foram desenvolvidos em rodas de conversa, que foram desenvolvidas de forma espontânea ou a partir da leitura de crônicas ou contos, e até mesmo ao som de músicas. Atividades lúdicas, como bingos sonoros e de gravuras, foram também executadas em grupo.

Em alguns desses atendimentos, textos do livro “Mumbuca” de Ivo de Matos (1977) foram usados como mote para deflagrar a conversa. Dentre os textos foram lidos: “Mumbuca, Gentes e Ocupações”, “Noites de Mumbuca”, “Feitiços, Mandingas e Feiticeiros”.

O texto dos feitiços fez alguns idosos se lembrarem de que lá na Vila já morou um benzedor, e as opiniões se dividiram entre os que acreditam nas “benzeções” e os

que tinham medo - a Sra. T. (80 anos) disse que não gosta disso, “tenho fé em Deus e Deus não gosta disso”; a Sra. M.A. diz que sabe algumas rezas e que sua mãe era benzedeira.

“As aventuras de Pedro Malasartes” (por Nelson Abissú) também foi lido nas rodas de conversa - oportunidades de descontração e risos. Estudos confirmam que o riso traz benefícios para a saúde física e psíquica. Apoiada em Berk (1988)<sup>1</sup>, afirma Capela (2011, p. 179) que “o riso estimula a produção de endorfinas que diminui ou previne a dor, diminui pressão sanguínea, diminui doenças cardíacas, diminui hormônios do estresse”, além de ter efeitos benéficos tanto fisiológicos quanto psicológicos no organismo, e pouco ou nenhum efeito colateral.

As rodas de conversa foram oportunidades de lembrar as experiências vividas e de desarmar memórias, das quais falam com orgulho, de um tempo em que eram protagonistas de suas próprias histórias. Ao entrar para o asilo o morador perde o conjunto de identidades que o definiam como sujeito – o trabalhador e suas relações afetivas ficam fora dos portões - identidades arquivadas (VIEIRA, 2007) – e as rodas de conversa foram oportunidades de acessar esses arquivos. A Sra. C. (67 anos) disse “eu fazia tanta coisa... nunca imaginei que ia ficar velha, e muito menos que ia parar aqui”.

A música também foi oportunidade de encontro, boas conversas, lembranças agradáveis e engraçadas - ao som do Trio Parada Dura, de Gino e Geno, e de Luiz Gonzaga - para alguns, o som da sanfona fazia reviver momentos festivos com a família. Interessante notar que mesmo idosos em estado avançado de demência, ao ouvirem as músicas começam a cantar juntos, confirmando o que apontam pesquisas - a memória musical na demência tipo Alzheimer é uma das habilidades cognitivas que se mantêm preservadas, até em estágios mais avançados da doença.

A memória musical é formada bem antes de outras, como a da linguagem, e pode ser pensada como memória sensorial, corporal e emocional por estar associada às nossas vivências e emoções – como pode ser observado com a Sra. J. (76), que não recebe visita de ninguém. Relata que quando era jovem morava em Pernambuco, e quando ouve Luiz Gonzaga, acompanha a música inteira, cantando junto, pois tinha o LP do artista que tocava todo dia em sua antiga casa.

O plantão psicológico foi outra modalidade de atendimento oferecida aos moradores da Vila Vicentina. Segundo Maffoud (1999), o atendimento psicológico pode ser um único encontro, ou desdobrar-se em outros, dependendo da necessidade de quem busca a ajuda. O profissional deve acolher a pessoa no momento de sua necessidade, oferecendo-lhe suporte emocional, espaço para expressar sentimentos e angústias, e como possibilidade de reorganização psíquica e de instilação de esperança. Qualquer questão que venha incomodar o indivíduo é importante.

Entre os momentos vividos nessa modalidade de atendimento, gostaríamos de destacar o caso da Sra. M.S. (85 anos), que se queixava de recorrentes episódios de diarreia que resultaram em enfraquecimento. Juntas, fizemos um levantamento

---

<sup>1</sup> BERK, L. S., Tan, et. al. Humor associated laughter decreases cortisol and increases spontaneous lymphocyte blastogenesis. *Clin Res* 36(3), 435A (1988).

dos alimentos que costumava ingerir, dentre os quais chamou atenção os três copos de leite diários. Questionamos sobre a possibilidade de ela ser intolerante à lactose - a princípio ela não deu muito crédito a essa possibilidade, mas depois se dispôs a fazer um teste. O leite foi excluído de sua dieta alimentar, e substituído por leite sem lactose, as diarreias cessaram e ela se restabeleceu.

Os moradores da instituição, por não entenderem algum procedimento da enfermagem, ficam angustiados, o que ocorre com frequência. Às vezes não questionam a indicação da medicação ou a técnica que está sendo ministrada por medo, e mesmo quando questionam, nem sempre recebem esclarecimentos. O desconhecimento gera desconfiança e sofrimento. No plantão psicológico, as demandas mais regulares são as angústias sobre a medicação que os idosos não sabem o 'por que' tomam, sobre uso de uma fralda ou absorvente geriátrico, até então desconhecidos, ou um exame que precisam fazer e ninguém informa para quando está agendado, entre outras. Notamos que a falta de comunicação clara entre a equipe e o paciente gerava sofrimento, mas, feitos os esclarecimentos necessários, a angústia se dissipava.

O acompanhamento terapêutico foi modalidade de atendimento psicológico ofertado a quatro moradores e, sem dúvida, era o mais esperado. O acompanhamento terapêutico é uma forma de intervenção psicológica que se difere daquele, mais tradicional, realizada em consultório, pois nessa modalidade o trabalho terapêutico se dá no espaço cotidiano do idoso. Atividades como passear, ir à missa, visitar amigos e ou familiares, dentre outras ações rotineiras, podem ser facilitadas com o apoio do psicólogo.

É importante destacar que o acompanhamento terapêutico (AT) foi introduzido no Brasil a partir das iniciativas da Reforma Psiquiátrica, inicialmente como atribuição de 'atendente psiquiátrico' recebendo, posteriormente, a denominação Acompanhamento Terapêutico a partir da década de 80. O AT é prática comum com paciente psiquiátrico, mas Vieira (2007) propõe que seja prática comum adotada também com idosos, retirando dos asilos a função de confinamento e segregação, tornando-os espaços de cuidado com mais dignidade e liberdade.

O acompanhamento do AT permite a saída do idoso da Instituição para participar das atividades da comunidade, e permite ao sujeito realizar desejos, exercer a subjetividade, ter história e fazer história. Nessa modalidade de atendimento psicológico fomos a eventos comemorativos como Desfile de Sete de Setembro, Festa de 70 anos da Escola estadual da cidade, à feira livre, que acontece aos sábados na cidade, visitamos o cemitério no dia de finados e assistimos a missa. Fomos também à sorveteria na praça da matriz e a costureira.

Três idosos ficaram encantados ao assistir o Desfile do dia Sete de Setembro - Sr. J., Sra. C. e Sra. Vic. – e um deles disse: “nunca tinha visto um desfile desses, só tinha visto falar. E agora eu vi. No ano que vem quero vir de novo”. Ao circularem pelas ruas da cidade foram abordados com afeto, pois a comunidade os acolhe com carinho e aprova essa interação, esses sentimentos foram percebidos também no passeio a feira e na sorveteria.

Quanto ao AT no Dia de Finados foi demanda espontânea da Sra. C., que quis assistir à missa do dia e visitar o túmulo do marido e do filho. Ela era casada e tinha um filho que faleceu e alguns anos depois o marido. Mesmo viúva, viveu sozinha por um ano, quando caiu e quebrou a bacia. Ao ter alta hospitalar foi direto para a Vila por necessitar de cuidados e não ter parentes que se dispusesse a fazê-lo. Ela disse: “dia de finados está chegando, e eu nunca deixei de ir lá no cemitério. Ano passado já não fui, ninguém me levou, e sozinha não posso ir”. Explicamos a ela que se quisesse poderíamos ir juntas, ela ficou muito agradecida e chorou emocionada.

Outro atendimento do AT foi acompanhar a Sra. T. (80 anos) até a costureira. Ela reclamava que tinha uma peça de roupa para consertar, que já havia pedido a coordenadora para levar para uma costureira, “eu falei com ela, mas parece que esqueceu”. A possibilidade de ir pessoalmente levar as roupas para o conserto a deixou bastante animada. Fomos à costureira duas vezes, pois após a primeira ida ela ficou tão satisfeita que logo achou outra peça de roupa que precisava de conserto.

Embora a instituição total leve a ‘mortificação das identidades’ dos sujeitos internos, o que Goffman (2007) denomina de “mortificação do eu”, a psicologia pode oferecer, através de seus atendimentos individuais, em grupos e do acompanhamento terapêutico, oportunidades de saída dessa posição fazendo com que, de certo modo, o sujeito retome sua posição de ser desejante.

## **Conclusão**

O estatuto do idoso, na concepção dos direitos sociais, prevê que as Instituições de Longa Permanência para Idosos ofereçam um conjunto de serviços que garantam qualidade de vida física e mental para seus residentes. Para isso, o trabalho de uma equipe multiprofissional é extremamente importante, pois a conjugação dos saberes e dos fazeres é opção mais adequada ao atendimento dos direitos do idoso institucionalizados, levando em consideração a diversidade das manifestações das doenças e o processo de envelhecimento, próprio a cada indivíduo. Nesse sentido, o trabalho do psicólogo, em conjunto com a equipe, pode colaborar para proporcionar aos moradores da Instituição uma vivência digna e de qualidade naquela que será, muito provavelmente, a última morada para muitos.

Após um semestre de estágio na Vila Vicentina, podemos concluir que os atendimentos propostos foram importantes para os institucionalizados, mesmo para aqueles que não realizaram nenhum atendimento, pois a presença da estagiária já afetava o funcionamento da Instituição, deixando-a mais amena. Os moradores envolvidos no projeto de estágio avaliaram de forma positiva os atendimentos, e se mostraram ressentidos do fim dos mesmos. À estagiária restou o sentimento de frustração e impotência por não conseguir implantar mudanças que pudessem ser permanentes ou pelo menos contínuas.

## **Referências**

ALBISSÚ, N. *As aventuras de Pedro Malasartes*. 1ª ed. São Paulo. Cortez, 2009.

BERÉ, C. M. Abrigamento de pessoas não idosas em Instituições de Longa Permanência para Idosos. *Revista Portal de Divulgação*, n.58, Ano IX. Out/Nov/dez. 2018. ISSN 2178-3454. [www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova](http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova).

BRASIL. *Estatuto do Idoso*. 2003.

CAPELA, R. Riso e bom humor que promovem a saúde. *Rev. Simbio-Logias*, v. 4, n. 6, p. 176-84, 2011. Disponível em <http://186.217.46.3/Home/Departamentos/Educacao/Simbio-Logias/Risoebomhumorquepromovem.pdf>. Acesso em 09/12/2018.

DA MAIA, G. F.; CASTRO, G.D.; JORDÃO, A. B. Ampliando a clínica com idosos institucionalizados. *Revista Subjetividades*, v. 10, n. 1, p. 193-210, 2016.

MAHFOUD, M. (org.). *Plantão Psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.

MATOS, I.S. *Mumbuca*. Editora São Vicente. Belo Horizonte. 1997.

SILVA, D. A. M. Memória musical na demência tipo Alzheimer: Relato de Experiência. *Revista Portal de Divulgação*, 36, Ano IV, set. 2013. ISSN 2178-3454. [www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista](http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista). Acesso em 06/12/2018.

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 7ª ed. 2007.

VIEIRA, R. F. Acompanhamento terapêutico como uma ferramenta a serviço do “Desarquivamento da Identidade” do idoso asilado: notas para desinstitucionalização asilar. In: FRANCO, V.C.; REIS FILHO, J.T. (org.) *Aprendizes da Clínica Novos Fazeres Psi*. 2007. 1ª ed. Disponível em: <https://goo.gl/meLcny>. Acesso em 07/12/2018.

VILA VICENTINA. *Estatuto Interno*. 2017.

*Data de recebimento: 22/01/2019; Data de aceite: 21/03/2019*

---

**Ana Maria Silva Ferreira**. Discente do sétimo período do curso de Psicologia. Universidade do Estado de Minas Gerais. Unidade de Divinópolis. MG. E-mail: [anamariauemg@gmail.com](mailto:anamariauemg@gmail.com)

**Eloisa Borges**. Professora do Curso de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais e orientadora do estágio. Unidade de Divinópolis. MG. E-mail: [prof.eloisaborges@gmail.com](mailto:prof.eloisaborges@gmail.com)